



Chico Buarque,  
autor de "Vai Passar"  
**O SAMBA DO ANO**

EDITORA ABRIL - Nº 846  
21 DE NOVEMBRO DE 1984 - Cr\$ 3 500

# veja



## O MALUFISMO EM RETIRADA

MANAUS, SANTAREM, RIO BRANCO, ALTAMIRA, BOA VISTA, MACAPÁ, PORTO VELHO, JI-PARANÁ, SINOP, ALTA FLORESTA, Cr\$ 4 600, PORTUGAL 270\$00  
EXEMPLAR DE ASSINANTE - VENDA PROIBIDA



# O poeta do sanatório

Em seu novo LP, Chico Buarque canta o país das loucuras

A partir desta semana, o Brasil conhecerá uma escola de samba diferente. Nela, em lugar de passistas e ala das baianas, desfilarão "barões famintos", "napoleões reintinos" e "pigmoros do bulevar". A letra do samba-enredo não enaltece as grandezas do país, como é de praxe: pelo contrário, fala de

uma "página infeliz da nossa história", tempo em que a pátria mãe, tão distraída, era envolvida em "tenebrosas transações". E em seu estandarte não se lê o nome de nenhum grêmio recreativo, como são a Mangueira ou a Portela — a escola é batizada de Sanatório Geral.

Já se viu que este carnaval em novem-

bro, ou anticarnaval, tem o dedo de alguém dado mais à crítica do que à pura efusão na avenida, mais às alegorias políticas e sociais do que às alegorias propriamente ditas. Quem apostou, pelo que foi dito até aqui, que o criador dessa escola de samba desatinada e endoidecida é Chico Buarque de Holanda acertou. É dele mesmo o samba-enredo, ou o arremedo de samba-enredo *Vai Passar* — a mais explosiva das faixas do novo LP do compositor, que chega às lojas esta semana.

Falou-se em escola de samba "diferente"? Segundo o autor, na verdade, a escola nada tem de diferente. Muito pelo contrário, é exatamente igual — não igual a outra escola de samba, mas ao Brasil. *Vai Passar* é um contundente retrato do país neste final de ano e final de regime, um país que, segundo dá a entender o autor, vê raiar no horizonte a alegria do Carnaval mas se põe na rua com alas rotas, empobrecidas e esfacladas. Não se trata, porém, de crítica inflamada ou revanchista. *Vai Passar* é um samba empolgante, em que o autor também se coloca como folião dum carnaval da loucura generalizada, do samba desgovernado, do Sanatório Geral. "Não quis denunciar nada", diz Chico. "Apenas quis mostrar essa enorme confusão que tomou conta das ruas: gente dançando break, vendendo o que tem, fazendo discursos. É o momento que estamos vivendo."

**PONTA-DE-LANÇA** — O LP que tem *Vai Passar* como faixa mais forte, e em cujo título figura apenas o nome do autor, é o primeiro disco de Chico Buarque em três anos. Seu aparecimento é um acontecimento marcante no panorama musical, mesmo porque a música brasileira estava com saudades de Chico Buarque. No período que separa o novo disco de *Almanaque*, lançado em novembro de 1981, Chico não esteve parado: teve poemas musicados por Edu Lobo no balé *O Grande Circo Místico* e contribuiu para a trilha sonora do filme *Para Viver um Grande Amor*, além de participar de comícios pelas eleições diretas e de se entreter em duetos com Si-

lone e Vinícius Cantuária. Fazia falta, porém, um disco que trouxesse de corpo inteiro o artista que combina magistralmente as músicas românticas às de espírito crítico. É este o Chico que transparece no novo disco. Na sexta-feira, dia 9 passado, ao participar, em Montevideu, de um show em benefício da Frente Ampla, a coligação dos partidos de esquerda uruguaios, Chico anunciou outros planos. No início de 1985, irá voltar aos palcos brasileiros em temporada regular, algo que não faz desde 1975.

"Nesses três anos não tive tempo nem cabeça para fazer disco solo", diz o compositor. "Prefiro trabalhar sob a doce e amorosa pressão das encomendas dos amigos." Chico ainda submete sua volta aos palcos, porém, a uma condição: ele terá que vencer a "amnésia" que o acomete antes das apresentações ao vivo e que o faz esquecer as letras de suas músicas mais antigas. Pode parecer estranho que, aos 40 anos de idade e vinte de luminosa carreira, Chico ainda dedique tanta preocupação a detalhes prosaicos como esse. Mas a explicação é simples: nos últimos meses Chico in-

vestiu-se da obstinação de voltar a atuar de forma mais direta na música brasileira. Voltar com um disco novo e só seu, voltar aos palcos fora dos espetáculos políticos, retomar plenamente, enfim, o seu papel de ponta-de-lança na cultura do país — este o seu programa. "Estou precisando me expor, estar em contato com o público, me alimentar disso", ele explica.

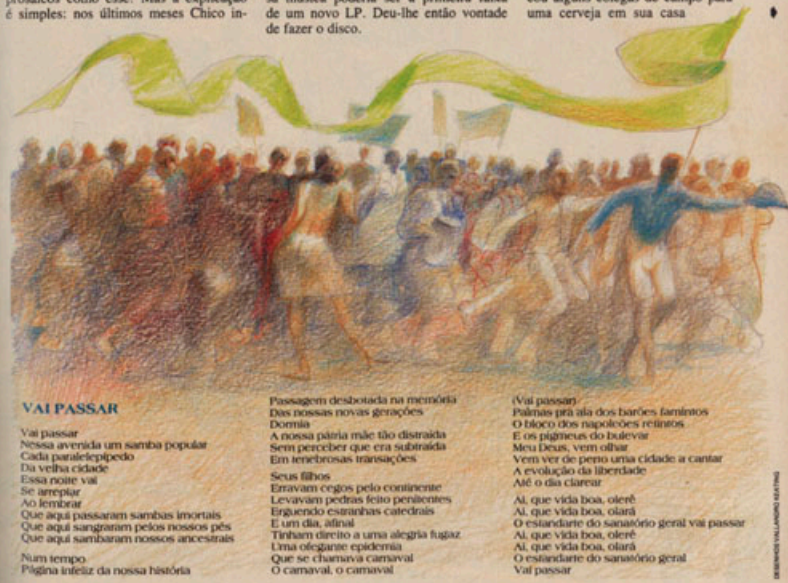
**CORPO-A-CORPO** — Não é tão fácil para Chico voltar. Afinal, para quem é um mito da música brasileira, já não precisa do aval de ninguém para sua obra, não precisa se mover para viver como milionário e já está liberado da obrigação contratual de gravar um disco por ano, a tentação da inférria é muito grande. Por isso mesmo, foi preciso aferrar-se a uma força de vontade muito grande desde que, em novembro de 1983, Chico entrou num estúdio com o compositor cubano Pablo Milanés, seu velho amigo, e gravou em dueto uma canção deste último, *Como se Fosse a Primavera*. Chico sentiu, naquele momento, que essa música poderia ser a primeira faixa de um novo LP. Deu-lhe então vontade de fazer o disco.

Restava apenas as outras músicas do LP — e Chico iniciou então um duro corpo-a-corpo com suas mentes. "As músicas já não saem com a espontaneidade com que saíam há dez anos", diz o compositor. "Quanto mais se faz, mais difícil fica se manter firme. Surge a sensação de que já se caminhou por aqueles acordes. É claro que isso é bom, antes, tudo o que eu compunha era aproveitado. Hoje já não conta coisa fora." Uma das primeiras músicas a surgir foi, por ironia, a que menos trabalho deu ao compositor: exatamente o samba-enredo *Vai Passar*. E surgiu de uma maneira incomum para um compositor que normalmente só compõe de portas trancadas, em sua casa, e costuma dizer: "Não trabalho com ninguém me olhando".

No caso de *Vai Passar*, Chico trabalhou diante de uma platéia. Após uma das habituais peladas que costuma disputar num campo no Recreio dos Bandeirantes, no Rio, nas quais defende as cores do time Politeama, Chico convocou alguns colegas de campo para uma cerveja em sua casa



Chico: "Quero mostrar a confusão que se instalou nas ruas do Brasil"



## VAI PASSAR

Vai passar  
Nessa avenida um samba popular  
Cada paralelepípedo  
Da velha cidade  
Essa noite vai  
Se arrepiar  
Ao lembrar  
Que aqui passaram sambas imortais  
Que aqui sangraram pelos nossos pés  
Que aqui sambaram nossos ancestrais  
Num tempo  
Página infeliz da nossa história

Passagem desbotada na memória  
Das nossas novas gerações  
Dormia  
A nossa pátria mãe tão distraída  
Sem perceber que era subtraída  
Em tenebrosas transações  
Seus filhos  
Eravam cegos pelo continente  
Levavam pedras feio perolentes  
Erguendo escarinas católicas  
E um dia, afinal  
Tinham direito a uma alegria fugaz  
Uma elegância epidemia  
Que se chamava carnaval  
O carnaval, o carnaval

(Vai passar)  
Palmas pra ala dos barões famintos  
O bloco dos napoleões reintinos  
E os pigmores do bulevar  
Meu Deus, vem olhar  
Vem ver de perto uma cidade a cantar  
A evolução da liberdade  
Até o dia clarear  
Al, que vida boa, oleré  
Al, que vida boa, oleré  
O estandarte do sanatório geral vai passar  
Al, que vida boa, oleré  
Al, que vida boa, oleré  
O estandarte do sanatório geral  
Vai passar



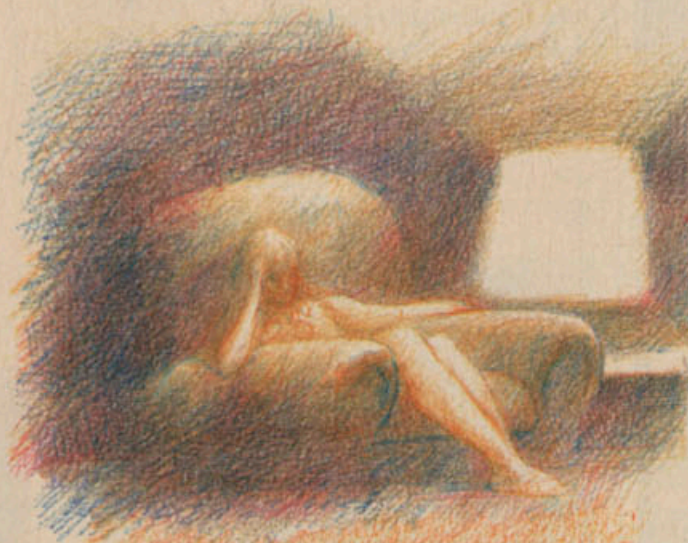
— entre eles Edu Lobo, Fagner, João Bosco e Carlinhos Vergueiro. Muitas cervejas depois, o grupo começou a brincar de samba-enredo, batucando nas mesas. Chico ligou o gravador e foi criando e anotando à mão a letra de *Vai Passar*. Dias depois, voltou a trabalhar o samba (“A fita era uma bebedeira”, conta), mas surpreendeu-se ao constatar que a harmonia que tinha inventado era inviável: ela jamais voltava ao tom original. Ou seja: a música jamais teria começo, meio e fim. A solução foi socorrer-se de outro amigo, o compositor e maestro Francis Hime. Chico mandou-lhe a música e Hime deu-lhe o acabamento. Estava criada, agora com a ajuda de um parceiro, a canção que, na atual fase do compositor, vai representar o papel que em outras fases tiveram canções como *O que Será* e *Ape-sar de Você*.

**TOM ENIGMÁTICO** — Se *Vai Passar* surgiu quase de um relance, outras músicas produzidas para o novo disco passaram por longa hibernação. É o caso de *Tantas Palavras*, realizada em parceria com o sanfoneiro e compositor Dominginhos. No início de 1982, Dominginhos passara a Chico uma fita com várias melodias para que o amigo lhes pusesse letras. Meses depois, Roberto Carlos pediu a Chico uma canção sua para incluir no LP que preparava para o Natal, e Chico então socorreu-se do material de Dominginhos, colocando letra numa das composições. Roberto Carlos acabou não gravando a música, nem explicou por quê. Chico ficou, então, com aquela canção na gaveta, até que um dia se lembrou dela, refez um pedaço da letra aqui, um trecho da música ali — e ficou eufórico com o resultado. “De repente me vi pulando pela casa, com o violão na mão, cantando aos brados a nova versão da música, algo que nunca havia me acontecido”, conta Chico.

No novo LP há seis músicas feitas por Chico sozinho e três em parceria. Aquelas que fez sozinho não têm muita história: nascem de longas reflexões do autor consigo mesmo, debruçado sobre o violão. Já a história das parcerias é mais rica, como é o caso de *Mano a Mano*, com letra de Chico e melodia do compositor mineiro João Bosco. Certa noite, Bosco estava na casa de Chico jogando sinuca quando agarrou um violão e começou a mostrar ao parceiro uma melodia que havia re-

cém-criado. “Sinto um clima de Guimarães Rosa nessa melodia”, disse-lhe Chico, em tom enigmático. “Guimarães Rosa numa partitura?”, perguntou-se, intrigado, João Bosco. Pronta a letra, Bosco entendeu a transposição da literatura para a música. Em sua forma final, *Mano a Mano* de fato espelha paisagens e personagens de Minas Gerais, como nas páginas de Guimarães Rosa.

Escolhidas e prontas as dez músicas que comporiam o novo disco, iniciou-se a fase seguinte da epopéia: a sua gravação. E também nessa fase Chico



### SUBURBANO CORAÇÃO

— Quem vem lá  
Que horas são  
Isso não são horas, que horas são  
É você, é o ladrão  
Isso não são horas, que horas são  
Quem vem lá  
Blim blim blão  
Isso não são horas, que horas são  
A casa está bonita  
A dona está demais  
A última visita  
Quanto tempo faz  
Balançam os cabides  
Lustres se acenderão  
O amor vai pôr os pés  
No conjugado coração  
Será que o amor se sente em casa  
Vai sentar no chão  
Será que vai deixar cair  
A brasa no tapete coração  
Quando aumentar a fita  
As línguas vão falar  
Que a dona tem visita  
E nunca vai casar  
Se enroscam persianas  
Loucas se partirão  
O amor está tocando  
O suburbano coração  
Será que o amor não tem programa  
Ou ama com paixão  
Mulher virando no sofá  
Sofá virando cama coração  
O amor já vai embora  
Ou perde a condução  
Será que não repara  
A desarrumação  
Que tanta cerimônia  
Se a dona já não tem  
Vergonha do seu coração.

teve de superar notáveis obstáculos. Mobilizada sua gravadora, a Ariola, e reunida a equipe de produção, Chico entrou em estúdio, gravou uma voz aqui, um violão ali e... abandonou o projeto. Só foi retomá-lo há três meses, quando, afinal, passou a encarar o nascimento do disco como um desafio. “Cheguei a um ponto perigoso, que poderia mexer com a minha segurança”, diz. A partir daí, Chico modificou sua rotina diária: absteve-se de participar de comícios políticos, interrompeu projetos como o roteiro da peça *Corsário do Rei*, que escreve a seis mãos com Augusto Boal e Edu Lobo, e trancafiou-se no estúdio. Passou então a ser fundamental para o andamento do disco a atuação de dois amigos de longa data. O primeiro, encarregado da produção do disco, é Homero Ferreira, ex-marido de sua irmã Cristina e produtor também das trilhas sonoras de *O Grande Circo Místico* e *Para Viver um Grande Amor*. O outro, convocado para atuar como co-produtor, é Chico Batera, o lendário baterista que desde a bossa nova atua junto a grandes nomes da música brasileira, como Tom Jobim e João Gilberto, e internacional, como Frank Sinatra e Ella Fitzgerald.

**HINO À RESSACA** — A primeira tarefa que Ferreira e Batera receberam de Chico foi reunir um grupo de músicos acompanhantes que, segundo suas palavras, formassem “uma familiazinha”. Evitava-se, assim, um procedimento normal nos estúdios: a contratação de músicos apelidados de “call-girls”, que gravam suas partes e vão embora sem nem ao menos travar contato com o titular do disco. O próprio Chico já havia atuado com músicos assim em seus discos anteriores, mas, desta vez, quis passar ao largo da padronização sonora que o esquema quase sempre determina. Montada a familiazinha entre um grupo de músicos de primeiro time, que por três meses ficaram à disposição da produção, o que saiu foi um disco sólido, bem superior aos anteriores *Vida* e *Almanaque*, em que o Chico de sempre, temperado entre o lirismo e a crítica política e social, comparece com belos momentos. Do Chico da veia lírica o disco traz um precioso exemplar na canção *Suburbano Coração*, a história dos sonhos românticos de uma moça, tratada num ritmo de suave valsinha. Do Chico da crítica social o disco

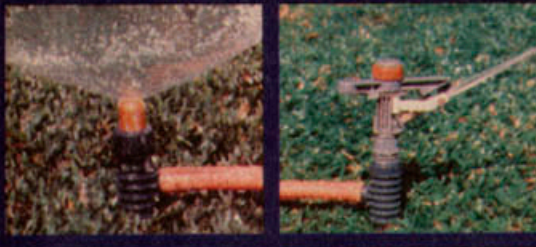


# Irrigadores

## BIEHL®

# ÁGUA VIVA

## Para o seu jardim



## BIEHL®

Biehl S.A. Metalúrgica - Av. São Borja, 1336  
Cx. Postal 277 - Fone: (0512) 92-4100  
Telex (051) 3274 BIEH-BR - End. Tel. BIEHL  
CEP. 93.000 - São Leopoldo - RS - Brasil

Você encontra em ferragens e supermercados

traz, além de *Vai Passar*, o samba *Pelas Tabelas*, uma espécie de hino à ressaca pela derrota da emenda das eleições diretas.

O empenho de Chico Buarque em voltar ao trabalho duro, além do novo disco e do projeto de retorno aos palcos, tem outros desdobramentos. Chico também vai aderir aos videoclips, como manda, hoje, o figurino promocional dos cantores. Três deles, com roteiro e direção do cineasta Ruy Guerra, esperam apenas a aprovação do orçamento pela gravadora Ariola. E assim Chico se tornará, pela primeira vez desde os tempos dos festivais, uma presença constante na televisão, veículo que tem freqüentado raramente.

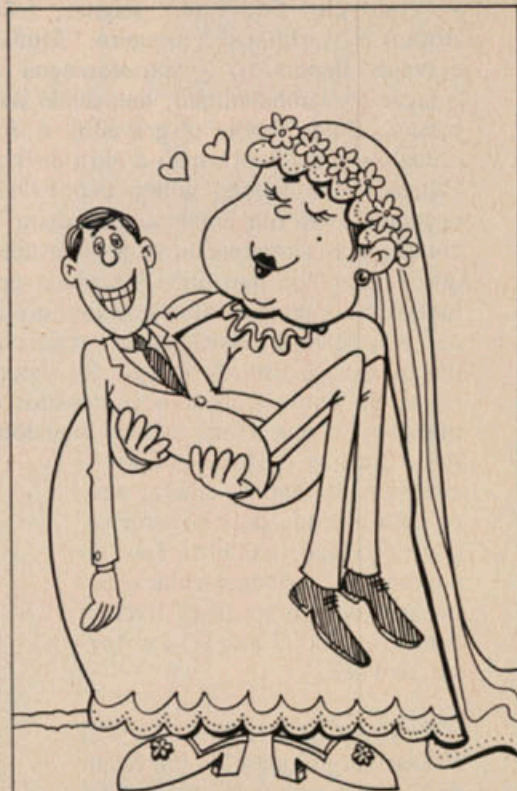
Para os companheiros de peladas de fim de semana, Chico vai gravar videoclips por uma razão muito especial. Entre eles, a brincadeira corrente é a de que, durante as cervejinhas que se seguem ao jogo, as amigas das filhas do



SENGIO MORAES

Hime: acabamento para *Vai Passar*

compositor, na faixa dos 9 aos 15 anos, sempre pedem autógrafos aos astros do time que aparecem com freqüência na televisão, como Djavan e Vinícius Cantuária, e nunca ao dono da casa, que para elas não passa do pai de suas amigas. Seria de rigor, então, que o compositor renovasse sua imagem junto às novas gerações que freqüentam sua casa. A verdade, porém, é que Chico Buarque não precisa disso. Figura de primeira, não só na música, mas na cultura brasileira, ele é dessas estrelas que, quando brilham, iluminam um caminho e assinalam uma etapa na crônica do país. Assim como, com *Apesar de Você*, Chico colocou em música, anos atrás, um grito de resistência aos anos mais duros atravessados pelo país, agora, com *Vai Passar*, ele fornece uma espécie de hino ao fim de festa de um regime. O Sanatório Geral abre alas e se reconhece na voz de seu poeta. ●



## SORTE É TER SEGURO NA SUL AMÉRICA BANDEIRANTE.

### Na hora do vamos ver, ela não nega fogo.

Uma pesquisa independente entre corretores de seguros de todo o país mostrou o que a maioria acha: a Sul América Bandeirante é a seguradora que dá melhor atendimento. E o corretor de sua confiança não vai deixar por menos a proteção do patrimônio que você tem - vai mostrar uma proposta da Sul América Bandeirante Seguros. Se não mostrar, você pede.



**Bandeirante**  
Sul América Bandeirante Seguros SA